

Curso de Quenya

Helge Kåre Fauskanger
(*helge.fauskanger@nor.uib.no*)

Tradução
Gabriel "Tilion" Oliva Brum
(*tilion@terra.com.br*)

LIÇÃO UM

Os sons do quenya.

Pronúncia e acentuação.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O quenya, como uma entidade real em nosso próprio mundo, existe primeiramente como um idioma *escrito*: os entusiastas do quenya tendem a estar amplamente espalhados e geralmente compartilham suas composições apenas por um meio escrito (de fato, eu geralmente irei me referir aos usuários do quenya como “escritores” ao invés “falantes”). Apesar disso, qualquer estudante deve obviamente conhecer que pronúncia Tolkien imaginou, tão bem quanto suas intenções possam ser agora deduzidas.

Existem muito poucas gravações com o próprio Tolkien lendo textos em quenya. Em uma entrevista de tv, Tolkien escreve e pronuncia a saudação **elen síla lúmenn’ omentielvo**. De forma mais notável, ele fez duas gravações diferentes do *Namárië* (cantado e falado). Algumas linhas desta versão do *Namárië* diferem da suas contrapartes do SdA: A versão gravada tem **inyar únóti nar ve rámar aldaron / inyar ve lintë yulmar vánier** ao invés de **yéni únótimë ve rámar aldaron! / yéni ve lintë yuldar (a)vánier** como no SdA. A gravação foi feita antes do livro ser publicado (e, portanto, antes das revisões finais). Também existe uma gravação mais tardia, com o mesmo texto do livro. Não a escutei, de modo que não posso comentar mais que isso.

As poucas gravações existentes são interessantes, mas elas não são nossa fonte principal de informações. A maior parte do que sabemos sobre a pronúncia do quenya é baseada nas *notas* escritas de Tolkien sobre como seus idiomas deveriam ser pronunciados, predominantemente a informação fornecida no Apêndice E do SdA. (De fato, a pronúncia real de Tolkien nas gravações nem sempre é impecável, de acordo com suas próprias descrições técnicas, mas ele também não era um falante nativo de quenya.)

Qualquer idioma natural possui uma *fonologia*, um conjunto de regras que define que sons são usados, como eles variam e se comportam, e como eles podem ser combinados. Isto vale também para qualquer idioma inventado. O quenya definitivamente não é uma confusão de sons aleatórios; Tolkien construiu cuidadosamente sua fonologia – tanto como uma entidade em evolução (o quenya clássico gradualmente se desenvolvendo a partir do élfico primitivo) como uma forma “fixa” (definindo o tipo de quenya que era usado como um idioma de tradição e cerimônia na Terra-média). Tolkien observou, através de Pengolodh, o sábio de Gondolin, que as línguas élficas tendiam a usar relativamente poucos sons – “pois os Eldar, sendo habilidosos nas artes, não são esbanjadores nem pródigos por pequenos propósitos, admirando mais em uma língua o uso habilidoso e harmonioso de poucos sons bem balanceados do que uma profusão mal-ordenada” (PM: 398). Nenhum dos sons usados no quenya são particularmente exóticos de um ponto de vista europeu, mas eles são combinados de uma maneira primorosamente ordeira. Comparados ao élfico de Tolkien, muitos dos idiomas “reais” é que, de fato, parecem confusos.

TERMOS BÁSICOS

Coloquemos alguns termos básicos nos seus lugares (as pessoas com treinamento lingüístico não precisam gastar muito tempo nesta seção). Os sons de qualquer idioma

podem ser divididos em duas grandes categorias, *vogais* e *consoantes*. As *vogais* são sons criados ao se deixar a corrente de ar passar “livremente” através da boca: diferentes vogais são produzidas ao se modificar a posição da língua e dos lábios, mas a corrente de ar não é diretamente obstruída. Ao se extrair várias vogais, pronunciando **aaaaa...** ou **eeeee...** ou **ooooo...**, é fácil sentir como o ar flui bastante desimpedido pela boca: simplesmente modela-se a língua e os lábios para “formarem” o som desejado. As vogais podem ser mais ou menos “abertas” ou “fechadas”: você só precisa observar a posição da língua e do maxilar inferior ao pronunciar **aaah...** comparada com sua posição ao pronunciar **ooooh...** para compreender o que isto quer dizer. A vogal **a** (como na palavra *mal*) é mais aberta, enquanto a vogal **u** (como na palavra *rude*) é mais fechada. As outras vogais ficam em posições intermediárias. As vogais também podem ser mais ou menos “arredondadas”, dependendo principalmente da posição dos lábios; a vogal **u** (como recém descrita) é dita arredondada porque é pronunciada com os lábios unidos como que para um beijo. Uma vogal como **o** (como na palavra *porta*) é realmente pronunciada como o **a** de *parte*, mas o **o** é arredondado e o **a** não é – tornando as vogais distintas.

Ao se pronunciar as vogais, a corrente de ar é apenas *modificada* (por meios como os já descritos). Ela nunca é realmente “impedida”. No caso das *consoantes*, entretanto, o ar é mais obstruído. Assim, Tolkien pode nos informar que o elemento élfico primitivo para *consoante* era **tapta tengwë** ou apenas **tapta**, que significa “elemento impedido” ou simplesmente “impedido” (VT39: 7). Nos casos mais “extremos”, a corrente de ar pode ainda ser completamente parada por um momento: isto é facilmente percebido no caso de uma consoante como o **p**, que é pronunciada ao unir-se os lábios, momentaneamente interrompendo a corrente de ar dos pulmões e permitindo a criação de uma pressão no interior da boca. Então os lábios são repentinamente separados de novo, liberando o ar em uma pequena explosão – e esta explosão forma um **p**. Tais consoantes *oclusivas* incluem **t**, **p**, **k** e suas contrapartes **d**, **b**, **g** (isto é, **g** forte como em *guerra*, e não como em *giro*). Todas elas são formadas ao interromper e então liberar o ar repentinamente em vários lugares na boca. Ao invés de interromper completamente o ar, pode-se também deixá-lo “chiar através” de uma pequena abertura, como quando o **f** é pronunciado ao forçar o ar para fora entre o lábio inferior e os dentes superiores; tais sons de “fricção” são chamados de *fricativos* e incluem consoantes como **f**, **th** e **v**. E ainda há outras opções de como manipular a corrente de ar, tais como a de redirecioná-la através do nariz para produzir consoantes *nasais* como **n** ou **m**.

O conceito de *sonorização* também deve ser compreendido. Os humanos (e os elfos) vêm com um tipo de aparelho sonoro instalado em suas gargantas, chamado de *cordas vocais*. Ao fazer as cordas vocais vibrarem, pode-se adicionar “voz” à corrente de ar antes que ela entre nos órgãos da fala propriamente ditos. A presença ou ausência de tal sonorização é o que distingue sons como **v** e **f**. Ao se produzir um som como **ffff...** e repentinamente mudar para **vvvv...**, irá se sentir a “campainha” na garganta soando (coloque um dedo na sua glote – o que nos homens é chamado de “pomo de Adão”, menos proeminente nas mulheres – e você realmente sentirá a vibração das cordas vocais). Em princípio, o aparelho de sonorização poderia ser usado para dobrar o número de sons que somos capazes de produzir, uma vez que todos eles podem ser pronunciados *com* vibração das cordas vocais (como sons *sonoros*) ou *sem* tal vibração (como sons *surdos*). Na prática, a maioria dos sons da fala não aparece nas versões surdas. Muitos sons mal seriam perceptíveis sem a sonorização (o **n**, por exemplo, seria reduzido a não mais que um ronco fraco). Normalmente, todas as vogais são também sonoras; certamente o são no quenya

(embora no japonês as vogais possam perder sua sonoridade em certos ambientes). Mas eu já me referi a **d**, **b** e **g** como as “contrapartes” de **t**, **p** e **k**; elas são contrapartes no sentido de que as primeiras são sonoras e as últimas não. Um aspecto característico do quenya (ao menos no dialeto Noldorin) é a distribuição muito limitada das oclusivas sonoras **d**, **b**, **g**; elas ocorrem somente no meio das palavras, e apenas como parte dos encontros consonantais **nd/ld/rd**, **mb**, e **ng**. Alguns falantes também pronunciavam **lb** ao invés de **lv**. (Possivelmente Tolkien imaginou regras diferentes para o parcamente atestado dialeto *vanyarin* do quenya: o *Silmarillion* se refere a um lamento chamado **Aldudénië** feito por um elfo vanyarin; esta palavra tem confundido os pesquisadores, uma vez que o **d** central seria um tanto impossível no quenya Noldorin.)

Sílabas: constituída de vogais e consoantes, a fala não é uma erupção indiferenciada de sons. Ela é particularmente compreendida como estando organizada em unidades rítmicas chamadas *sílabas*. As palavras mais curtas são necessariamente *monossilábicas*, possuindo apenas uma sílaba – como a palavra *de* ou sua equivalente em quenya **ho**. Palavras de mais de uma sílaba, as *polissilábicas*, formam séries mais longas de “batidas” rítmicas. Uma palavra como *veloz* tem duas sílabas (*ve-loz*), uma palavra como *ótimo* tem três (*ó-ti-mo*), uma palavra como *camiseta* tem quatro (*ca-mi-se-ta*), e assim por diante – embora não possamos ir muito além antes das palavras se tornarem impraticavelmente longas e difíceis de se pronunciar. Alguns idiomas orientais, como o vietnamita, mostram uma grande preferência por palavras monossilábicas. Mas como fica evidente a partir dos exemplos em português recém citados, os idiomas europeus empregam freqüentemente palavras mais longas, e o quenya de Tolkien faz uso de algumas bem grandes (assim como o finlandês). Considere palavras como **Ainulindalë** ou **Silmarillion** (cinco sílabas: **ai-nu-lin-da-lë**, **sil-ma-ril-li-on**). Uma palavra em quenya não declinada possui tipicamente duas ou três sílabas, e este número é aumentado com freqüência ao se adicionar desinências flexionáveis ou palavras compostas.

OS SONS DO QUENYA

Em quenya, as *vogais* básicas são **a**, **e**, **i**, **o**, **u** (curtas e longas). Elas também podem ser combinadas em *ditongos*, grupos de duas vogais básicas pronunciadas juntas como uma sílaba: há três ditongos em **-i** (**ai**, **oi**, **ui**) e três em **-u** (**au**, **eu**, **iu**, embora os ditongos **eu** e **iu** sejam bastante raros). As *consoantes* do quenya da Terceira Era podem ser listadas como **c** (= **k**), **d**, **f**, **g**, **gw**, **h**, **hy**, **hw**, **l**, **ly**, **m**, **n**, **nw**, **ny**, **p**, **qu**, **r**, **ry**, **s**, **t**, **ty**, **v**, **y** e **w** (esta listagem não é livre de controvérsia; o sistema consonantal do quenya pode ser plausivelmente analisado em mais de uma maneira). Na escrita élfica, a ortografia *Tengwar* também mantém a distinção entre algumas consoantes que na Terceira Era vieram a ser pronunciadas iguais e assim fundidas (**p** fundindo-se com **s**, enquanto o **ñ** inicial uniu-se ao **n** – ver a análise de convenções ortográficas). Na transcrição e ortografia empregadas neste curso, a presença anterior de consoantes distintas “perdidas” é refletida em apenas dois casos: **hl** e **hr**, que eram originalmente **l** e **r** *surdos*, mas posteriormente fundiram-se com **l** e **r** normais (e, portanto, não são incluídos na lista de consoantes do quenya da Terceira Era acima). Assim, escreveremos, digamos, **hrivë** (“inverno”) deste modo, apesar do fato de Tolkien ter imaginado a pronúncia típica da Terceira Era como simplesmente “rívë” (com um **r** normal).

Embora as consoantes **hy**, **gw**, **hw**, **ly**, **nw**, **ny**, **ry**, **ty**, e **qu** (e **hr**, **hl**) devam aqui ser escritas como duas letras (como *dígrafos*), elas devem evidentemente ser consideradas como sons unitários: sua pronúncia será discutida com mais detalhes abaixo. Os dígrafos

em **-w** representam consoantes *labializadas*, enquanto os dígrafos em **-y** representam consoantes *palatalizadas*; novamente, ver abaixo para uma análise adicional destes termos. Deve ser compreendido que **qu** é simplesmente uma maneira estética de escrever o que seria de outra forma representado como **cw** (a maioria das pessoas concordará que **qu**enya fica melhor do que **cw**enya), então **qu**, como **nw**, é uma consoante labializada. Ao dividir as sílabas, deve-se lembrar que na verdade há a vogal **u** no **qu**; o “u” aqui representa o **w**. Uma palavra como **alqua** (“cisne”) tem assim apenas duas sílabas: **al-qua** (= **al-cwa**). Não deve-se achar que é “al-qu-a” e concluir que há não verdade três sílabas. Na escrita Tengwar, o **qu** é indicado por uma única letra e, na maioria das fontes primitivas, Tolkien também usou a letra única **q** para representar isso.

Consoantes Duplas: algumas consoantes também ocorrem em versões *longas* ou *duplas*; consoantes duplas e simples podem ser comparadas a vogais longas e curtas. Os casos “óbvios”, as consoantes duplas diretamente representadas na ortografia, são **cc**, **ll**, **mm**, **nn**, **pp**, **rr**, **ss** e **tt** (ex: **ecco** “lança”, **colla** “manto”, **lamma** “som”, **anna** “presente”, **lappa** “bainha de manto”, **yarra-** “rosnar”, **essë** “nome”, **atta** “dois”). O grupo **pp** é muito raro, aparecendo somente em material muito anterior ao SdA. No *Nota sobre a pronúncia* anexado ao *Silmarillion*, Christopher Tolkien observa: “Consoantes repetidas têm a pronúncia longa. Assim, *Yavanna* tem o *n* longo ouvido no inglês *unnamed*, *penknife*, não o *n* curto de *unaimed*, *penny*.” Palavras como **ana** “em direção a” vs. **anna** “presente”, **tyelë** “cessa” vs. **tyellë** “grau”, **ata** “novamente” vs. **atta** “dois” devem ser distintas de forma audível. – É possível que algumas das consoantes escritas como dígrafos também possam ser contadas como consoantes duplas quando ocorrem entre vogais; ex: **ny** = **n** longo ou palatalizado duplo (detalhes abaixo).

Encontros consonantais (vs. consoantes simples): é difícil pronunciar muitas consoantes sucessivas, de modo que a linguagem das palavras geralmente as confinam em grupos relativamente *pequenos* (ou “encontros”) de consoantes. A palavra mais típica, de qualquer idioma, é uma série de vogais e consoantes (encontros consonantais simples ou relativamente curtos) alternadas – o “núcleo” de cada sílaba sendo geralmente uma vogal. O quenya de Tolkien não é exceção; este idioma na verdade possui regras bastante restritivas para o modo como as consoantes e vogais podem ser combinadas em sílabas e palavras mais longas. Ainda assim, os encontros consonantais são muito comuns, mas não são distribuídos tão “livremente” como no português. Enquanto o português e o sindarin permitem encontros consonantais no início das palavras, o quenya não o faz (SD: 417-418). Tolkien disse que o nome que os “Woses” ou Homens Selvagens usavam para si mesmos, *Drughu*, fora adaptado para o quenya como **Rú** (CI: 385). O quenya não poderia preservar o encontro inicial *dr-* da forma original desta palavra incorporada (além do fato de que o quenya não poderia ter um **d** nesta posição). O quenya permite um número limitado de encontros consonantais *medialmente*, entre vogais no meio das palavras; entre os encontros “frequentes” ou “favorecidos”, Tolkien citou **ld**, **mb**, **mp**, **nc**, **nd**, **ng**, **ngw**, **nqu**, **nt**, **ps**, **ts** e **x** (para **cs**). Desse modo, temos típicas palavras em estilo quenya como **Elda** “elfo”, **lambë** “língua”, **tumpo** “corcova”, **rancó** “braço” etc. *Finalmente*, no final das palavras, apenas cinco consoantes simples podem ocorrer: apenas **-l**, **-n**, **-r**, **-s**, ou **-t** são permitidas nesta posição (*Letters*: 425; entretanto, a maioria das palavras em quenya termina em uma vogal). *Encontros* consonantais ou consoantes *duplas* não são normalmente encontradas no final das palavras, embora possam ocorrer se uma vogal final for *elidida* (omitida), no caso da próxima palavra começar com a mesma vogal ou com uma semelhante. No SdA temos um **nn** “final” na frase **lúmenn’ omentielvo** (“sobre a hora do nosso encontro”), mas

apenas porque esta é a forma reduzida de **lúmenna omentielvo** (esta forma completa ocorrendo em WJ: 367 e Letters: 424). O único encontro consonantal genuíno que ocorre no final de uma palavra parece ser **nt**, usado como uma desinência gramatical específica (*dual dativo*, a ser discutida em lições posteriores) – ex: **ciryant** “para um par de navios”, formado a partir de **cirya** “navio”. Os experimentos mais primitivos de “quenya” de Tolkien, como registrados no Qenya Lexicon de 1915, eram mais liberais a este respeito. O “quenya” permitia mais consoantes finais e mesmo encontros consonantais, mas conforme o quenya no estilo do SdA evoluiu nas notas de Tolkien, ele estreitou a fonologia. Assim, ele deu ao idioma um gosto claramente mais definido.

PRONÚNCIA

Vogais: as vogais do quenya são puras. Para aqueles que querem pronunciar as vogais élficas com um certo grau de exatidão, Tolkien recomendou as vogais italianas como um modelo (como fez Zamenhof com o esperanto, por sinal; mas as vogais portuguesas também podem ser aplicadas perfeitamente). Falantes do inglês possuem um hábito enraizado de “dissolver” muitas vogais, especialmente quando elas não são totalmente enfatizadas; assim, em uma palavra como *banana*, é geralmente apenas o **a** central que sai com um som “próprio” de **a**. Os dois outros **a**'s, que não são enfatizados, são tipicamente feitos para soar como uma indistinta, obscura “redução de vogal” que os lingüistas chamam de *schwa* (de uma palavra hebraica para “nada”). Mas em quenya, *todas* as vogais, em *todas* as posições, devem ser claramente e distintamente pronunciadas; quaisquer tendências para “dissolvê-las” devem ser fortemente combatidas.

Como lembramos, o quenya possui vogais *longas* e *curtas*, as longas sendo marcadas com um acento: **á, é, ó, ú, í**, vs. **a, e, o, u, i** curtas. Vogais longas e curtas devem ser mantidas separadas e pronunciadas clara e distintamente. Às vezes, o comprimento da vogal é a única coisa que distingue duas palavras parecidas: por exemplo, **cu** com um **u** curto significa “pombo”, enquanto que **cú** com um **ú** longo significa “crescente”.

O **á** longo pode ser pronunciado como na palavra *máquina*: **má** “mão”, **nárë** “chama”, **quáco** “corvo”. O **a** curto soa como na palavra *azul*. É absolutamente necessário dominá-lo, pois o **a** curto é de longe a mais comum das vogais em quenya. Tolkien observou que ele deveria ser mais “aberto” que o **á** longo.

NOTA: Se você possui o filme original de *Star Wars* disponível, escute cuidadosamente quando Harrison Ford aparece pela primeira vez por volta dos 45 minutos e se apresenta como “Han Solo”: Ford realmente produz um belo **a** curto no estilo do quenya em “Han”, fazendo esta sílaba soar do modo como seria nas palavras em quenya (ex: **hanu** “um macho” ou **handa** “inteligente”). Mas posteriormente nos filmes de *SW*, a vogal de “Han” é pronunciada inconsistentemente, seja com um *a* longo como em *página*, seja com a vogal ouvida em *quebra*, que é precisamente a vogal a ser evitada em quenya. Consistência lingüística nunca foi a, aham, força de *Star Wars*. A propósito, lembra-se de **Endor**, a lua verde onde George Lucas colocou seus ursinhos de pelúcias reinventados no terceiro filme? Adivinhe qual é a palavra em quenya para “Terra-média”! Lucas certamente diria que sua intenção fora a de pagar *tributo* a Tolkien...

NOTA ATUALIZADA: Agora que foi lançado *A Sociedade do Anel* de Peter Jackson, também posso citar exemplos da trilha sonora deste filme; a maior parte das pessoas interessadas na obra de Tolkien certamente terá assistido ao filme, e muitos compraram ou comprarão o mesmo em vídeo ou DVD. Bons exemplos do **a** curto élfico ocorrem no nome sindarin **Caradhras** “Chifre Vermelho” conforme pronunciado por Christopher Lee (“Saruman”) na cena onde seus corvos espiões retornam à Isengard: “Então, Gandalf, você tenta guiá-los sobre Caradhras...”. Lee também consegue pronunciar os **a**'s curtos mais ou menos corretamente na cena que vem logo a seguir, quando ele se encontra no topo de Isengard lendo uma invocação em quenya: **Nai**

yarvaxëa rasselya taltuva notto-carinnar... (mas a última palavra soa quase como **cárinna**, com a primeira vogal sendo *longa* – afinal de contas, Chris Lee não é um falante nativo de quenya!)

Deve-se tentar pronunciar um **a** completo em todas as posições, nunca “dissipando” o mesmo.

O **é** longo do quenya não possui um correspondente exato em português; entretanto, uma aproximação pode ser tentada ao se pronunciar o **e** curto do quenya com uma duração dobrada. Como observado por Tolkien, ele deve ser mais fechado que o **e** curto (ver Apêndice E do SdA), aproximadamente como nas palavras *medo* e *vê*, porém (como já mencionado) com maior duração: **nén** (“nêên”) “água”, **ré** (“rêê”) “dia”, **ména** (“mêêna”) “região”.

O **e** *curto* pode ser pronunciado como em *cedo* e *educar*, do modo como são pronunciados em português, sem a necessidade de prolongar a pronúncia da vogal como em **é**. Em quenya este som também ocorre no final das palavras. Uma vez que o **e** final na ortografia inglesa geralmente é mudo, Tolkien usou com frequência a grafia **ë** nesta posição – e no decorrer deste curso, esta grafia é empregada consistentemente. Isto é apenas para lembrar os leitores de inglês (e também a nós mesmos) que, no quenya, esta letra deve ser pronunciada distintamente. O **e** do quenya tem o valor descrito acima em todas as posições. Ele **NÃO** deve ser pronunciado “dissolvendo-se” em um **i**: **lómë** “noite”, **morë** “preto, negro”, **tinwë** “centelha”.

O **í** longo é pronunciado como em *incrível*: a palavra em quenya **sí** (“agora”) é parecida no som. Outros exemplos incluem **nís** “mulher” e **ríma** “beira, borda”. Este **í** longo deve ser notavelmente mais longo que o **i** curto (isto é, deve ter sua pronúncia prolongada; ex: **nís** pronuncia-se *níís*), que pode ser pronunciado como em *menino* e *dolorido*: **titta** “pequenino, diminuto”, **imbë** “entre”, **vinya** “novo”. Isto se aplica também ao **-i** final (geralmente uma desinência de plural), que não deve ser “dissolvido”.

O **ó** longo pode ser pronunciado como em *olho* e *ônus*, de preferência um pouco mais carregado e “fechado” que o **o** curto, tal qual a relação **é/e**: **mól** “escravo”, **tó** “lã”, **óma** “voz”. O **o** curto pode ser pronunciado como em *objeto* e *corvo*. Algumas palavras com **o**: **rondo** “caverna”, **olos** “sonho”, **tolto** “oito”. O **o** também não deve ser “dissolvido” (como acontece na pronúncia de *rápido*, com o **o** final reduzindo-se a um **u**: *rápido*). Deve ser ter cuidado especialmente com a terminação **-on**, frequentemente encontrada em nomes masculinos (e também em *genitivos* plurais como **Silmarillion**; ver lições posteriores). A pronúncia “anglicanizada” de um nome como **Sauron** resultaria no que um confuso elfo tentaria representar na escrita como **Sór’n** (ou, na melhor das hipóteses, **Sóren**). O **-on** final deve soar como em *cobaia*, com a vogal totalmente intacta, mesmo não sendo enfatizada em **Sauron**. No filme de Jackson, os atores geralmente apresentam uma boa pronúncia desse nome; escute especialmente como “Gandalf” e “Saruman” o pronunciam. Bons exemplos de **o** élfico curto também ocorrem no nome **Mordor** conforme pronunciado pelos mesmos dois atores.

O **ú** longo deve ser pronunciado como em *unidade* e *urtiga*: **númen** “oeste”, **cú** “crescente, arco”, **yúyo** “ambos”. Ele deve ser distintamente mais longo que o **u** curto (como já mencionado em relação a **é** e **ó**), que é pronunciado como o **u** de *uso*: **cundu** “príncipe”, **nuru** “morte”, **ulundo** “monstro”.

Deve-se estar atento especialmente quando uma combinação *vogal* + **r** ocorre. Nas combinações **ar**, **or**, **er**, **ir** e **ur**, tente evitar alongar a vogal; nas palavras em quenya como

narda “nó”, **lorna** “adormecido”, **sercë** “sangue”, **tirno** “observador”, **turma** “escudo” a vogal antes do **r** deve ser *curta*, como indicado pela ausência de acento. No filme de Peter Jackson, os atores lutam para pronunciar a última sílaba do nome quenya **Isildur** corretamente, com resultados variáveis. Na cena de flash-back onde Elrond (interpretado por Hugo Weaving) conduz Isildur para dentro da Montanha da Perdição e instiga-o a destruir o Anel, a pronúncia de Weaving do nome **Isildur** é muito boa – seguindo fielmente as instruções de Tolkien.

Ditongos: além dos sons unitários “básicos” das vogais discutidos acima, nós temos os ditongos – combinações de duas vogais básicas que se formam em uma sílaba, em muitos casos se comportando como uma vogal unitária para o propósito da construção da palavra: os ditongos do quenya são **ai**, **au**, **eu**, **iu**, **oi**, e **ui**.

□ O ditongo **ai** é o mesmo ouvido na palavra *caixa*: **faila** “justo, generoso”, **aica** “apavorante, terrível”, **caima** “cama”, **aira** “sagrado”.

□ O ditongo **au** é pronunciado como em *mau*: **aulë** “invenção”, **laurëa** “dourado”, **taurë** “floresta”.

□ O ditongo **eu** é parecido com o da palavra *neutro*. Exemplos em quenya: **leuca** “cobra”, **neuma** “armadilha”, **peu** “par de lábios”. Este ditongo não é muito comum.

□ O ditongo **iu** pode ser pronunciado como *yu* na palavra inglesa *yule*, como um ditongo “crescente”, de acordo com a pronúncia usual da Terceira Era. Porém, Tolkien imaginou que, originalmente, ele havia sido “decrecente” como os outros ditongos do quenya, enfatizado mais no primeiro elemento do que no último (SdA Apêndice E), como na palavra *viu*. A pronúncia da Terceira Era também seria igualmente “válida” dentro dos mitos. Este ditongo, de qualquer modo, é muito raro; no *Etimologias*, ele só aparece em poucas palavras (**miulë** “lamentar, miar”, **piuta** “cuspir”, **siulë** “incitação” e o grupo **tiuca** “grosso, gordo”, **tiuco** “coxa” e **tiuya-** “inchar, engordar” – mais alguns exemplos de **iu** poderiam ser citados a partir de material de “quenya” de Tolkien).

□ O ditongo **oi** corresponde ao da palavra *oito*: **coirëa** “vivo”, **soica** “sedento”, **oira** “eterno”.

□ O ditongo **ui** possui o mesmo som que ocorre em *cuidado*: **huinë** “sombra”, **cuilë** “vida”, **uilë** “planta trepadeira”. Note que a combinação **qui** não contém este ditongo; este é apenas um modo visualmente mais agradável de se escrever **cwi** (ex: **orqui** “orcs” = **orcwi**).

Todos os outros grupos de vogais *não* são ditongos, mas apenas vogais pertencentes a sílabas separadas e devem ser pronunciadas claramente. Em termos lingüísticos, vogais que estão em contato direto sem formar ditongos são chamadas de *hiatos*. O élfico primitivo aparentemente não possuía tais combinações, ao menos não no meio das palavras: Tolkien colocou Fëanor concluindo que “nossos pais...ao construir palavras, tomaram as vogais e as separaram com as consoantes como paredes” (VT39: 10). Mas algumas consoantes se perderam no quenya, de forma que as vogais que estavam então “separadas”, entraram em contato direto (VT39: 6). Em quenya temos ainda palavras polissilábicas formadas apenas por vogais, como **Eä** (um nome do universo) ou **oa** (“longe”). As combinações mais freqüentes de vogais em hiato são **ea**, **eo**, **ie**, **io**, **oa**; cada vogal deve soar “por si própria”. Tolkien com freqüência enfatiza este fato ao adicionar um *trema* a uma das vogais, e na grafia consistente imposta a este material, nós regularmente escrevemos **ëa** (**Eä**), **ëo** (**Eö**), **oë**. Aqui não usamos o *trema* nas combinações **ie** (exceto quando final) e **oa**, mas como

indicado pela grafia **ië** e **öa** em certos manuscritos de Tolkien, as vogais devem ser pronunciadas distintamente. Algumas palavras com vogais em hiato: **fëa** “alma”, **lëo** “sombra”, **loëndë** “meio do ano” (o dia do meio do ano de acordo com o calendário élfico), **coa** “casa”, **tië** “caminho”.

Consoantes: a maioria das consoantes no quenya é fácil de se pronunciar para pessoas acostumadas a falar um idioma ocidental. Estes pontos devem ser observados:

□ **C** é sempre pronunciado **k**, nunca **s**; de fato, Tolkien usa letra **k** ao invés de **c** em muitas fontes. **Celma** “canal” ou **ciryä** “navio” *não* devem ser ditas como “selma”, “siryä”. (Isto se aplica também à pronúncia sindarin: quando **Celeborn** é pronunciado “Seleborn” na versão animada do SdA, é mostrado claramente que os realizadores do filme nunca leram o Apêndice E.)

□ Nos grupos **hw**, **hy**, **hl**, **hr**, a letra **h** não deve ser pronunciada separadamente. Estes são apenas dígrafos denotando consoantes unitárias.

□ Os dígrafos **hl** e **hr** eram originalmente o **l** e **r** *surdos*. Isto é, estes sons eram pronunciados sem vibração nas cordas vocais, resultando no que pode ser descrito como versões “sussurradas” do **l** e **r** normais. Em quenya, estes sons são muito raros; exemplos incluem **hrivë** “inverno” e **hlócë** “serpente, dragão”. Entretanto, Tolkien afirmou que na Terceira Era, o **hr** e **hl** vieram a ser pronunciados como **r** e **l** sonoros normais, embora a grafia **hl** e **hr** tenha aparentemente continuado na escrita.

□ O dígrafo **hw** corresponde ao *w(h)* nas palavras inglesas *witch* e *which*. Simplificando, o **hw** é uma versão (fraca) do som que você faz ao apagar uma vela. **Hw** não é um som muito freqüente em quenya; esta parece ser uma lista bastante completa das palavras conhecidas onde ele ocorre: **hwan** “esponja, fungo”, **hwarin** “torto, trapaceiro”, **hwarma** “barra (transversal)”, **hwerme** “código de gestos”, **hwesta** “brisa, hálito, sopro de ar” (também como verbo: **hwesta-** “soprar”), **hwindë** “turbilhão, redemoinho”.

□ O dígrafo **hy** representa um som como o das palavras inglesas *hew*, *huge*, *human*; o *h* pode ser pronunciado como um (obscuro) **hy**. Cf. SD: 418-419, onde Tolkien afirma que em quenya ou “avallonianiano”, o som **hy** é “aproximadamente equivalente ao...*h* em *huge*”. No Apêndice E do SdA, Tolkien também apontou que o **hy** possui a mesma relação com o **y** assim como o **hw** (tratado acima) possui com o **w** normal: um é surdo; o outro, sonoro. Outro modo de se chegar ao **hy** é começar com o som de **y** (como em *you*) e produzir uma variante surda e “sussurrada” dele. Uma vez que tenha reconhecido o som, você tem apenas que fortalecê-lo: **hyarmen** “sul”, **hyalma** “concha”, **hyellë** “vidro”. Parece que o **hy** ocorre principalmente no *início* das palavras; **ahya-** “mudar” é até agora o único exemplo conhecido de **hy** ocorrendo entre vogais no meio de uma palavra. Porém, o **h** na combinação **ht** após certas vogais também deve ser pronunciado como **hy**; ver abaixo. – No Apêndice E, Tolkien observou que os falantes de westron (o suposto “idioma original” do Livro Vermelho, que Tolkien “traduziu” para o inglês) freqüentemente substituíam o som de *sh* pelo **hy** do quenya.

□ Fora dos grupos **hw**, **hy**, **hl**, **hr**, a letra **h** representa um som independente, mas é pronunciado de formas diferenciadas em posições diferentes. Parece que originalmente, o **h** do quenya (ao menos de onde ele vem do *kh* élfico primitivo) era tipicamente mais *forte* que na palavra inglesa *high*. Nos dias de Fëanor ele era pronunciado aparentemente como a palavra alemã *ach* ou a palavra escocesa *loch*. Em escrita fonética, este som é representado como [x]. Mas posteriormente, no início das palavras, este [x] foi enfraquecido e tornou-se um som como o **h** inglês. No Apêndice E do SdA, Tolkien nos informa que a letra *tengwa*

para [x] era originalmente chamada **harma**; naturalmente, esta tengwa era assim chamada porque o **h** inicial desta palavra era um exemplo do som que esta letra denotava, [x]. Mas quando o [x] nesta posição eventualmente se tornou um **h** no estilo inglês, a tengwa foi renomeada **aha**, pois o meio das palavras, o [x] não era enfraquecido. Assim, podemos extrair estas regras: no *início das palavras* (antes de uma vogal), a letra **h** deve ser pronunciada como o *h* inglês. Mas no *meio* das palavras, o **h** deve ser pronunciado [x]: como entre as vogais em **aha** “ira”, e da mesma forma antes de **t** em palavras como **pahta** “fechado”, **ohta** “guerra”, **nuhta-** “tolher (o desenvolvimento)”.

Em uma fonte tardia, Tolkien observou que “em quenya e telerin, o [x] mediano eventualmente tornou-se *h* também na maioria dos casos” (VT41: 9). O grupo **ht** deve ser provavelmente sempre pronunciado como [xt].

Esta regra precisa de uma modificação. Provavelmente, o **h** antes de **t** era originalmente pronunciado [x] em todos os casos. Após quaisquer das vogais **a**, **o**, e **u**, esta pronúncia persistiu, como nos exemplos **pahta**, **ohta**, **nuhta-** acima. Mas após as vogais **i** e **e**, o [x] original tornou-se um som parecido com o alemão *ich*-Laut (o alemão pode de fato ser a inspiração de Tolkien para este desenvolvimento em particular da fonologia do quenya). Assim, em palavras como **ehtë** “lança” ou **rihta-** “sacudir”, o **h** deve ser pronunciado como o **hy** descrito acima. Novamente, Tolkien imaginou que falantes humanos (mortais) de westron tinham uma tendência a substituir um som como o *sh* inglês e dizer “*eshtë*”, “*rishta*”.

□ O **l** em quenya tem o mesmo som do **l** na palavra *leve*, e este é o tipo de **l** que deve ser usado em *todas* as posições no quenya. Os perfeccionistas também devem observar outro detalhe: em Letters: 425, Tolkien mencionou o **l** entre as “dentais” do quenya, isto é, sons que são pronunciados com a ponta da língua tocando os dentes (superiores). Ao se pronunciar o **l** do quenya, deve-se ter certeza de que a ponta da língua toque os dentes.

□ O **n** do quenya é como o **n** do português. Frequentemente este som era usado sempre como **n**, mas em alguns casos ele representa o dígrafo **ng** mais antigo, como nas palavras inglesas *king* e *ding* (note que não há um **g** distinto para ser ouvido, apesar da grafia). Ao contrário do português, o quenya também podia ter este som no início das palavras. Como mencionado na discussão das convenções ortográficas, Tolkien às vezes usou a letra **ñ** para representar este **ng** antigo, como em. **Ñoldor**. Nestas cartas, Tolkien em um caso adicionou uma nota para a palavra **Noldor** (assim escrita), informando o receptor que o **N** inicial devia ser pronunciado “ng, como em *ding*” (Letters: 176). Esta devia, porém, ser uma pronúncia “arcaica”; pessoas falando quenya nos dias de Frodo diriam simplesmente **Noldor**: o Apêndice E do SdA indica claramente que, na Terceira Era, o **ñ** inicial veio a ser pronunciado como um **n** normal e, portanto, a letra élfica para o **ñ** “foi transcrita como *n*”. Adotamos o mesmo sistema aqui, de modo que a letra **n** em quase todos os casos representa o **n** normal do português, independente de sua história fonológica no quenya. Digo “em quase todos os casos” porque o **n** ainda é pronunciado **ñ** antes de **c** (= **k**), **g** e **qu**. Este não é um problema muito grande, pois é natural para muitos falantes do inglês e de muitos outros idiomas usar esta pronúncia, de qualquer modo: **anca** “mandíbula”, **anga** “ferro”. Note que o **ng** do quenya, ocorrendo no meio das palavras, deve sempre ser pronunciado *com um g audível* (isto também se aplica ao grupo **ngw**, como em **tengwa** “letra”). O **ng** em quenya nunca deve ser pronunciado “nj” como na palavra *angelical*, mas sempre como em *angústia*. O som de **g** “suave” como em *gelo* não ocorre em quenya.

□ O **r** do quenya representa o som das palavras *parede* e *atrído*, em todas as posições; o **r** do quenya deve ser *vibrante*. Certas sutilezas da grafia Tengwar sugerem que

em quenya, o **r** era um pouco mais fraco quando na frente de consoantes (em oposição às vogais) e no final das palavras. Apesar disso, ele deve ser vibrado corretamente, um som completamente distinto mesmo nessas posições: **parma** “livro”, **erdë** “semente”, **tasar** “salgueiro”, **Eldar** “elfos”. A vogal na frente do **r** não deve ser alongada ou afetada de qualquer modo. No filme de Jackson, os atores que interpretam Gandalf e Saruman geralmente pronunciam o nome **Mordor** corretamente, com **r**'s vibrantes e vogais curtas (enquanto que o “Frodo” de Elijah Wood diz constantemente *Módó* sem traço de quaisquer **r**'s!). No filme, **Mordor** é a palavra sindarin para Terra Negra mas, por sua forma e pronúncia, a palavra poderia bem ser em quenya **mordor** = “sombrias” ou “manchas” (a forma plural de **mordo**).

O **r uvular**, que é comum em idiomas como o francês e o alemão, deve ser evitado no quenya, pois o Apêndice E do SdA afirma que este era “um som que os Eldar consideravam desagradável” (é ainda sugerido que era assim que os orcs pronunciavam o **r**!)

□ A consoante **s** deve sempre ser surda (como o som de *selva* em português). Ao se pronunciar o quenya, deve-se ter cuidado para não adicionar sonoridade ao **s**, transformando-o em **z**: **asar** “festival”, **olos** “sonho”, **nausë** “imaginação”. O quenya exílico da Terceira Era definitivamente não possuía o som do **z**. (Tolkien imaginou que o **z** teria ocorrido em um estágio primário, mas depois teria se transformado em **r**, fundindo-se com o **r** original. Por exemplo, o CI: 436 indica que o plural de **olos** “sonho” fora a certo estágio **olozi**, mas posteriormente se tornou **olori**.) Quando ocorre entre vogais, o **s** freqüentemente representa o **þ** mais antigo (mais ou menos = *th* como em *thin*); as palavras **asar** e **nausë** mencionada acima representam **apar** e **naupë** mais antigas e eram escritas assim em Tengwar.

□ Sobre **v** e **w**: devemos supor que as letras **v** e **w** são pronunciadas como nas palavras *vitória* e *William*, respectivamente (mas o **nw** inicial não é uma combinação de **n** + **w**, mas simplesmente um **n labializado**; veja abaixo). Porém, há alguns pontos obscuros aqui. O Apêndice E do SdA parece indicar que, no quenya da Terceira Era, o **w** inicial veio a ser pronunciado **v**: é dito que o nome da letra tengwa **vilya** teria sido primeiramente **wilya**. Da mesma forma, Tolkien indicou que a palavra **vëra** (“pessoal, privado, próprio”) fora **wëra** no que ele chamou de “quenya antigo” (PM: 340). No *Etimologias*, a evidência é um tanto divergente. Algumas vezes Tolkien tem radicais primitivos em **W-** produzindo palavras em quenya em **v-**, como quando o radical **WAN** produz o quenya **vanya-** “ir, partir, desaparecer”. Às vezes ele lista formas duplas, como quando o radical **WÁ** (ou **WAWA**, **WAIWA**) produz o quenya **vaiwa** e **waiwa**, ambas significando “vento”. Sob o radical **WAY**, Tolkien listou uma palavra para “envelope” como “*w-vaia*”, evidentemente indicando uma forma dupla **waia** e **vaia** (todos estes exemplos são encontrados em LR: 397). Em LR: 398, há ainda outras formas duplas, mas no caso do verbo **vilin** (“eu vô”) a partir do radical **WIL**, Tolkien curiosamente *mudou* para **wilin**. Quem sabe ele repentinamente decidiu optar pela grafia do “quenya antigo” ao invés de rejeitar de fato uma em favor da outra?

O peso da evidência parece ser que, no começo das palavras, o **w-** veio a ser pronunciado como o **v-** normal na Terceira Era; onde Tolkien listou as formas duplas em **w-** e **v-**, a primeira é para aparentemente ser vista como a forma mais arcaica. Entretanto, eu não regularizei a grafia neste ponto; e embora o *próprio Tolkien* tenha usado ou listado uma forma em **v-** ao invés de **w-** (sozinha ou como uma alternativa para **w-**), eu usarei a forma em **v-** neste curso. (Isto também vale para **vilin**!) É possível, contudo, que de acordo com a pronúncia da Terceira Era, *todos* os **w**'s iniciais soassem como o **v**, com a distinção

original entre o **v** inicial e o **w** tendo sido perdida na linguagem falada. Não está claro se Tolkien pretendia ou não que essa distinção fosse consistentemente mantida na ortografia Tengwar (como quando essa escrita manteve a distinção entre **p** e **s** mesmo após ambas virem a ser pronunciadas **s**). Sendo assim, a letra chamada (**wilya** >) **vilya** ainda era usada para o **v** representando o **w** mais antigo, enquanto que outra letra (**vala**) era usada para o **v** que sempre fora **v**. – Exceto no início das palavras, a distinção entre o **v** e o **w** foi mantida mesmo na Terceira Era. No caso dos grupos **lw** e **lv**, a distinção podia ainda ser enfatizada alterando-se a pronúncia do último: “para *lv*, não para *lw*, muitos falantes de quenya, especialmente os elfos, usavam *lb*” (Apêndice E do SdA). Assim uma palavra como **elvëa** “estelar” seria freqüentemente pronunciada “elbëa”, e isso também podia ser escrito na ortografia Tengwar. Apesar de freqüente, esta não parecia ser uma pronúncia padrão, e as grafias empregadas por Tolkien geralmente indicam a pronúncia do “*lv*”. Cf. por exemplo **celvar** (ou “kelvar”, significando *animais*) ao invés de **celbar** na conversa de Yavanna e Manwë no *Silmarillion*, capítulo 2. Em PM: 340, porém, Tolkien cita uma palavra em quenya para “galho” como **olba** ao invés de **olva**.

□ A letra **y** “é usada apenas como uma consoante, como o **y** na palavra inglesa *yes*”: Tolkien escolheu esta como uma das poucas diferenças principais da grafia latina nas convenções ortográficas usadas para o quenya (Letters: 176). A vogal **y**, como no *ü* alemão ou “*u*” francês como em *lune*, não ocorre em quenya (embora seja encontrada em sindarin).

A QUESTÃO DA ASPIRAÇÃO

Há uma incerteza quanto à pronúncia precisa das oclusivas surdas **c** (= **k**), **t**, **p**: no inglês, assim como em alguns outros idiomas, estes sons, quando ocorrem antes de uma vogal no início de uma palavra, são normalmente *aspirados*. Isto é, há um sopro de ar com o som de **h** depois deles. Nesta posição eles são pronunciados um pouco como seqüências genuínas de **k + h**, **t + h**, **p + h** (como em *backhand*, *outhouse*, *scrap-heap*). O falante médio não está de modo algum consciente disso, não percebendo, de fato, o **h** extra como um som distinto: este é simplesmente o modo como se “espera” que o **k**, **t** e **p** soem no início das palavras. Mas em alguns idiomas, como o francês, russo e (talvez com mais importância) o finlandês, não há tal **h** desnecessário, automaticamente vindo logo após estas consoantes quando elas ocorrem em certas posições.

Os **t**, **p** e **c** em quenya deveriam ser aspirados como em inglês ou deveriam ser pronunciados como em francês ou finlandês? Esta questão não está diretamente respondida em quaisquer das obras publicadas de Tolkien. Pode ser observado que o **t**, **p** e o **c** em quenya descendem de consoantes élficas primitivas que certamente não eram aspiradas, pois no idioma primitivo eles *contrastavam* com sons aspirados distintos: *th*, *ph* e *kh* primitivos que posteriormente tornaram-se **s**, **f** e **h** em quenya. (Cf. duas palavras primitivas completamente distintas como *thaurâ* “detestável” e *taurâ* “perito”). Então os **t**, **p** e **c** do quenya ainda não eram aspirados, visto que eles haviam sido assim no idioma primitivo?

Uma vez que os sons primitivos aspirados mudaram, adicionar aspiração a **t**, **p** e **c** não causaria confusão. Deve ser observado, contudo, que no sistema de escrita desenvolvido por Fëanor, havia originalmente letras distintas para sons aspirados: “o sistema fëanoriano original possuía também um grau com hastes expandidas, tanto acima quanto abaixo da linha [da escrita]. Estas normalmente representavam consoantes aspiradas (e.g. *t + h*, *p + h*, *k + h*)” (Apêndice E do SdA). Entretanto, estas *não* eram as letras usadas para escrever os **t**, **p** e **c** do quenya. Logo, considerando todas as coisas, penso que os **t**, **p** e

c do quenya deveriam ser idealmente pronunciados sem aspiração. As contrapartes *sonoras* de **t**, **p** e **c/k**, são **d**, **b** e **g** (duro) respectivamente.

CONSOANTES PALATALIZADAS E LABIALIZADAS

Em quenya, encontramos palavras como **nyarna** “conto”, **tyalië** “jogo” ou **nwalca** “cruel”. A partir destas grafias, pareceria que tais palavras começam em encontros consonantais: **n + y**, **t + y**, **n + w**. Entretanto, isto não estaria de acordo com o enunciado explícito feito no Lowdham's Report de que o “adunaico, como o avallonianiano [= quenya], não permite mais do que uma simples consoante básica no início de qualquer palavra” (SD: 417-418). Então, como explicamos isso?

A solução parece ser que as “combinações” como o **ny** de **nyarna** são apenas simples consoantes básicas: **ny** não é um encontro **n + y**, mas o mesmo som unitário que é apropriadamente representado como uma simples letra “ñ” na ortografia espanhola – como em *señor* (semelhante ao nosso **nh**). Este “ñ” é uma versão *palatalizada* do **n**. Uma consoante é palatalizada ao se curvar a parte de trás da língua em direção ao céu da boca (o *palato*, daí o termo “consoante palatalizada”).

Além do **ny**, o quenya também possui as consoantes palatalizadas **ty**, **ly**, **ry** (ex: **tyalië** “jogo”, **alya** “rico”, **verya** “destemido, ousado”); estas são as contrapartes palatalizadas dos **t**, **l** e **r** “normais”. O **ty** pode ser pronunciado como na palavra *tato*. Em Gondor, alguns falantes mortais de quenya supostamente pronunciavam o **ty** como *ch*, como na palavra inglesa *church*, mas esta não era a pronúncia élfica. Quanto à consoante **ly**, ela é parecida com o “lh” do português, como em *olho*. No Apêndice E do SdA, Tolkien apontou que o **l** (assim escrito) deveria também “até certo ponto [ser] ‘palatalizado’ entre *e*, *i* e uma consoante, ou em posição final após *e*, *i*”. A expressão “até certo ponto” parece sugerir que não teríamos um **l** regular e completamente palatalizado nestas posições (como o som de **ly**), mas em palavras como **Eldar** “elfos” ou **amil** “mãe”, o **l** deve ter apenas uma leve palatalização.

Além das consoantes palatalizadas, temos as consoantes *labializadas*: **nw**, **gw** e **qu** (= **cw**). Estes não são realmente encontros **n + w**, **g + w**, **c + w**. Eles representam as letras **n**, **g**, **c** (**k**) pronunciadas esticando-se os lábios, como quando pronunciamos o **w** de *William*. O **qu** do quenya pode certamente ser pronunciado como o do português. O **nw** e **gw** representam de forma similar versões “fundidas” de **n/w**, **g/w**. – Deve-se notar que o **nw** é uma simples consoante labializada apenas no *início* das palavras, onde ela representa o **ngw** primitivo (isto é, o que Tolkien também poderia escrever “ñw”, usando “ñ” para *ng* como em *king*). No meio das palavras, como em **vanwa** “perdido”, o **nw** é realmente um encontro **n + w**, e assim também é escrito na ortografia Tengwar. No entanto, as consoantes labializadas **qu** e **gw** também ocorrem no meio das palavras. De fato, o **gw** ocorre *apenas* nesta posição, e sempre na combinação **ngw** (não “ñw”, mas “ñgw”, ainda usando o “ñ” como Tolkien fazia): **lingwë** “peixe”, **nangwa** “mandíbula”, **sungwa** “vasilhame para beber”.

A questão do comprimento: parece que, quando ocorrem entre as vogais, as consoantes palatalizadas e labializadas contam como consoantes *longas* ou *duplas* (como se os dígrafos de fato representassem encontros consonantais). Novamente usando a letra “ñ” com o valor espanhol de um **n** palatalizado, pode-se perguntar se uma palavra como **atarinya** (“meu pai”, LR: 61) representa, na verdade, “atariñña”. Se assim, o grupo **ny** no meio das palavras denota um **n longo palatalizado**. Então a própria palavra **quenya** seria pronunciada “queñña” (ou “quenha”) ao invés de “quen-ya”. Outra possibilidade é

“queñya”, com o **n** sendo completamente palatalizado, mas aí há ainda um som de **y** relativamente distinto (que não pode haver quando o **ny** ocorre no início de uma palavra). Tolkien, lendo uma versão do *Namárië*, pronunciou pelo menos uma vez a palavra **inyar** como “iññar” (mas na segunda vez que ela ocorreu, ele simplesmente disse “inyar”, com **n** + **y**). De qualquer modo, os grupos **ny**, **ly**, **ry**, **ty** e **qu** (para **cw**) devem ser contados como consoantes longas ou encontros consonantais para fins de tonicidade (veja abaixo) – embora também seja claro que algumas vezes eles devam ser analisados como consoantes simples e unitárias.

TONICIDADE

Quando um idioma possui palavras polissilábicas, os falantes deste idioma podem pronunciar algumas sílabas mais fortes do que outras. Dizemos que estas sílabas são *tônicas* ou *ênfaticadas*.

As regras para *quais* sílabas são enfatizadas variam muito. Uma vez que o idioma finlandês foi evidentemente a principal inspiração de Tolkien, pode-se pensar que ele teria copiado seu sistema simples de enfatizar todas as palavras na primeira sílaba para o quenya. Na história “interna” ou fictícia do idioma, ele de fato imaginou um período inicial durante o qual as palavras do quenya eram assim enfatizadas (o assim chamado *período de retração*, WJ: 366). Contudo, este foi substituído por um novo sistema antes mesmo dos Noldor partirem para o exílio; logo, o quenya, como um idioma de tradição na Terra-média, empregava diferentes padrões de ênfase, cuidadosamente descritos no Apêndice E do SdA. Este é o sistema que devemos usar. (Parece que Tolkien realmente o copiou do latim!)

Palavras de uma sílaba, como **nat** “coisa”, obviamente não são nenhum problema; esta sílaba única é a sílaba tônica. As palavras polissilábicas mais simples, as *dissílabas*, também não são problema: no Apêndice E do SdA, Tolkien apontou que “em palavras de duas sílabas [a ênfase] cai, em praticamente todos os casos, na primeira sílaba”. Como esta expressão indica, pode haver muito poucas exceções; a única exceção conhecida parece ser a palavra **avá** “não!”, que é enfatizada na última sílaba: “aVÁ”. (Esta palavra, porém, também aparece na forma alternativa **áva**, enfatizada na primeira sílaba de acordo com a regra normal: “ÁVa”.) Eu escuto às vezes pessoas pronunciarem o nome do Reino Abençoado, **Aman**, com a sílaba tônica na segunda sílaba ao invés da primeira – mas a pronúncia correta deve ser “AMan”, se podemos confiar nas regras estabelecidas por Tolkien. (“AmAN” seria Aman, capital da Jordânia!)

Palavras mais longas, com três ou mais sílabas (trissílabas e polissílabas), são levemente mais complexas no que diz respeito à ênfase. Muitas delas são enfatizadas na *penúltima* sílaba (as chamadas *paroxítonas*). Contudo, em alguns casos tal sílaba não é “capacitada” para receber a ênfase: essa sílaba não pode ser enfatizada se for *curta*. Então como reconhecemos uma sílaba curta? Se ela não possui nenhuma vogal *longa* (nenhuma vogal marcada com um acento), isto é obviamente um indicio. Então a própria vogal é necessariamente curta. Se esta vogal curta é seguida por *apenas uma consoante*, ou mesmo por *nenhuma consoante*, esta sílaba tem pouca chance de receber o acento. Sua única oportunidade de ser vista como uma sílaba longa é se, ao invés de uma simples vogal curta, ela possua um dos *ditongos* do quenya: **ai**, **au**, **eu**, **oi**, **ui** ou **iu**. Duas vogais combinadas em um ditongo contam como tendo o mesmo “comprimento” de uma vogal longa normal (marcada por um acento). Mas se não há ditongo, nem vogal longa, e nem mesmo uma vogal curta seguida por mais de uma consoante, a sílaba em questão é sem dúvida alguma *curta*. Se esta é a penúltima sílaba em uma palavra de três ou mais sílabas, esta penúltima

sílaba terá perdido todas as chances de ser a tônica. Em tal caso, a sílaba tônica dá um passo a frente, para cair na *terceira* sílaba a partir do final (não importando como seja *esta* sílaba), e torna a palavra *proparoxítona*. Tolkien observou que palavras de tais formas “são preferidas nos idiomas eldarin, especialmente o quenya”. Exemplos:

□ Uma palavra como **vestalë** “casamento” é pronunciada “*VESTalë*”. A penúltima sílaba não pode receber a ênfase porque sua vogal (o **a**) é curta e é seguida por apenas uma única consoante (o **l**); desse modo, a ênfase passa para a antepenúltima sílaba. Formas plurais como **Teleri** (os elfos do mar) e **Istari** (os magos) às vezes eu escuto as pessoas pronunciarem erradas como “*TeLERi*”, “*IsTARi*”; aplicando as regras de Tolkien, temos que concluir que ele na verdade as imaginava como “*TELeri*”, “*ISTari*”. As penúltimas sílabas dessas palavras não podem ser acentuadas.

□ Uma palavra como **Eressëa** (o nome de uma ilha próxima ao Reino Abençoado) é uma proparoxítona; uma vez que em **Er-ess-ë-a** a penúltima sílaba é apenas um **ë** curto não seguido por um grupo de consoantes (na verdade, nem mesmo *uma* consoante), esta sílaba não pode ser a sílaba tônica e a ênfase passa para a sílaba anterior: “*ErESSëa*”. Outras palavras de mesmo padrão (com nenhuma consoante vindo após uma vogal curta na penúltima sílaba): **Eldalië** “o povo dos elfos” (“*Eldalië*” – embora a própria palavra **Elda** “elfo” seja, é claro, pronunciada “*ELda*”), **Tilion** “o provido de chifres”, nome de um Maia (“*TILion*”), **laurëa** “dourado” (“*LAURëa*”), **Yavannië** “setembro” (“*YaVANNië*”), **Silmarillion** “[A História] das Silmarils” (“*SilmaRILLion*”).

Mas embora essas palavras fossem “preferidas”, com certeza não faltam palavras onde a penúltima se capacita para receber a ênfase (paroxítonas). Exemplos:

□ O título de Varda, **Elentári** “Rainha das Estrelas”, é pronunciado “*ElenTÁRi*”, uma vez que a vogal **á** na penúltima sílaba é *longa*. (Se este fosse um **a** curto, ele não poderia ser enfatizado, já que não é seguido por mais de uma consoante, e a antepenúltima sílaba seria então a tônica: “*ELEntari*” – mas não existe tal palavra.) Os nomes **Númenórë**, **Valinórë** são da mesma forma enfatizados no **ó** longo na penúltima sílaba (embora nas formas encurtadas **Númenor**, **Valinor**, a ênfase deve ir para a antepenúltima sílaba, tornando-as proparoxítonas: *NÚMenor*, *VALinor*).

□ Palavras como **hastaina** “desfigurado” ou **Valarauco** “demônio de poder” (sindarin *Balrog*) são pronunciadas “*hasTAINa*”, “*ValarAUCo*” – uma vez que ditongos como **ai**, **au** podem ser contados como vogais longas para propósitos de tonicidade.

□ Os nomes **Elendil** e **Isildur** são pronunciados “*ElENDil*” e “*IsILDur*”, já que a vogal na penúltima sílaba, embora curta, é seguida por mais de uma consoante (os grupos **nd**, **ld**, respectivamente). Uma consoante dupla teria o mesmo efeito de um encontro de diferentes consoantes; por exemplo, **Elenna** (“Na direção da estrela”, um nome de Númenor) é pronunciada “*ElENNa*”. (Diferente do adjetivo **elena** “estelar, das estrelas”: este deve ser pronunciado “*ELena*”, uma vez que a penúltima sílaba, “**en**”, é curta e portanto incapaz de receber a ênfase – ao contrário da sílaba longa “**enn**” em **Elenna**.)

Note que a letra **x** representa duas consoantes, **ks**. Portanto, uma palavra como **Helcaraxë** “Gelo Atritante” (um nome de lugar) é pronunciado “*HelcarAXë*” (e não “*HelCARAxë*”, como se houvesse apenas uma consoante após o **a** na penúltima sílaba). Cf. a grafia alternativa **Helkarakse** no *Etimologias*, entrada **KARAK**.

Como observado acima, algumas combinações devem aparentemente ser vistas como consoantes simples: **qu** (para **cw/kw**) representa o **k labializado**, e não **k + w**. De maneira

parecida, **ny**, **ty**, **ly**, **ry** seriam os **n**, **t**, **l**, **r** *palatalizados* (o primeiro = ñ espanhol). Mas no meio das palavras, para efeito de tonicidade, parece que **qu**, **ly**, **ny**, **ty** etc. contam como grupos de consoantes (consoantes duplas ou encontros – não podemos ter certeza do que Tolkien pretendia exatamente). Em WJ: 407, Tolkien indica que a palavra composta **ciryaquen** “marinheiro, marujo” (criada a partir de **ciryá** “navio” + **-quen** “pessoa”) é para ser pronunciada “cirYAquen”. Se o **qu** (= **cw/kw**) fosse aqui visto como uma simples consoante, o **k** labializado, não haveria um grupo de consoantes após o **a** e ele não poderia receber a ênfase: a palavra seria então pronunciada “CIRYaquen”. Logo, o **qu** aqui ou conta como um encontro **k** + **w**, ou representa um **k** labializado *longo* ou *duplo* (ou ainda um **kw** labializado seguido por **w**). O ponto principal é: pronuncie “cirYAquen” e fique aliviado que o resto seja principalmente divagações acadêmicas. Algumas outras palavras que possuem as combinações em questão: **Elenya** (primeiro dia da semana de seis dias eldarin, pronunciada “ELENya”), **Calacirya** ou **Calacilya** (um lugar no Reino Abençoado, pronunciado “CalaCIRya”, “CalaCILya”).

Uma palavra de advertência sobre o acento agudo: note que o acento agudo que pode aparecer sobre as vogais (**á**, **é**, **í**, **ó**, **ú**) indica *apenas* que a vogal é longa. Apesar deste símbolo ser freqüentemente usado para indicar a sílaba tônica, este não é o caso na ortografia normal de Tolkien do quenya. Uma vogal longa receberá *freqüentemente* a ênfase, como no exemplo **Elentári** acima, mas não necessariamente: se a vogal longa não estiver na penúltima sílaba, seu comprimento (e o acento agudo que a denota!) é bastante irrelevante para efeito de tonicidade. Em uma palavra como **Úlairi**, o nome em quenya dos Espectros do Anel ou Nazgûl, a ênfase vai para o ditongo **ai**, e não para o **ú**. A grafia **palantír** tem confundido muitos, fazendo-os pensar que esta palavra deva ser enfatizada no “tír”. Eis aqui algo que Ian McKellen, interpretando Gandalf no SdA de Peter Jackson, escreveu enquanto o filme estava sendo filmado:

...Eu tenho que aprender uma nova pronúncia. Todo esse tempo estivemos dizendo “palanTÍR” ao invés da ênfase do inglês antigo na primeira sílaba. No momento em que a palavra estava a ponto de ser comprometida com a trilha sonora, uma correção veio de Andrew Jack, o professor de dialeto; ele me ensinou um sotaque de Norfolk para *Restoration*, e para o SdA ele supervisionou pronúncias, idiomas e tudo que havia de vocal. *Palantír*, sendo estritamente de origem élfica, deve seguir a regra de Tolkien na qual a sílaba anterior a uma consoante dupla deve ser enfatizada – “paLANTír”, criando um som que é próximo ao de “lâmpada”...

Andrew Jack estava certo. **Palantír** não pode ter a sílaba tônica no final; na prática, nenhuma palavra polissilábica em quenya é pronunciada de tal modo (como disse acima, **avá** “não!” é a única exceção conhecida). Assim, o **a** na penúltima sílaba recebe a ênfase porque é seguido pelo encontro consonantal **nt** (não chamarei isto de uma “consoante dupla” como fez McKellen, uma vez que quero reservar este termo para um grupo de duas consoantes *idênticas*, como **tt** ou **nn** – mas para propósito de tonicidade, consoantes duplas e encontros de diferentes consoantes têm o mesmo efeito). Então, é de fato “paLANTír”. (Mas na forma plural **palantíri**, onde o **í** longo aparece repentinamente na penúltima sílaba, ela recebe a ênfase: “palanTÍRi”.)

No caso de palavras longas terminando em duas sílabas curtas, a última destas sílabas pode receber uma *ênfase secundária* mais fraca. Em uma palavra como **hísimë** “névoa”, a ênfase principal recai sobre a sílaba **hís**, mas a sílaba final **-më** não é totalmente sem ênfase. Esta ênfase secundária é, porém, muito mais fraca que a ênfase principal. (Apesar disso, Tolkien observou que, para fins de poesia, a ênfase secundária pode ser usada metricamente: RGEO: 69.)

VELOCIDADE

Por fim, uma breve nota sobre algo que pouco conhecemos: com que velocidade devemos falar em quenya? As poucas gravações de Tolkien falando quenya não são “confiáveis” nessa questão; ele inevitavelmente pronunciava com bastante cuidado. Mas com respeito a mãe de Fëanor, *Míriel*, ele observou que “ela falava rapidamente e orgulhava-se desta habilidade” (PM: 333). Então, o quenya rápido é evidentemente um bom quenya. Quando Tolkien também escreveu que “os elfos faziam um uso considerável de... gestos concomitantes” (WJ: 416), notou-se que ele possuía uma grande afeição pelo *italiano* – ver Letters: 223.

Sumário da Lição Um: as vogais do quenya são **a, e, i, o, u**; vogais longas são marcadas com um acento agudo: **á, é** etc. As vogais devem ser puras, pronunciadas como no português; **á** e **é** longos devem ser notavelmente mais fechados do que o **a** e **e** curtos. Algumas vogais podem receber um trema (**ë, ä** etc.), mas isto não afeta sua pronúncia e apenas significa um esclarecimento para as pessoas acostumadas à ortografia inglesa. Os ditongos são **ai, au, eu, oi, ui**, e **iu**. A consoante **c** é sempre pronunciada *k*; o **l** deve ser pronunciado como um **l** dental “claro”, como no português; o **r** deve ser vibrante; o **s** é sempre surdo; o **y** só é usado como uma consoante (como no inglês *you*). Idealmente, as consoantes **t, p** e **c** devem ser provavelmente sem aspiração. Consoantes palatalizadas são representadas por dígrafos em **-y** (**ty, ny** etc.); consoantes labializadas são normalmente escritas como dígrafos em **-w** (ex: **nw**, mas o que seria **cw** é, ao invés disso, escrito **qu**). O **h** é pronunciado [x] (forte, como no alemão *ach-Laut*) antes de **t**, a não ser que esta combinação **ht** seja precedida por **e** ou **i**, quando o **h** soa (fraco) como no alemão *ich-Laut*. Fora isso, o **h** pode ser pronunciado como o **h** inglês; os dígrafos **hy** e **hw** representam, contudo, *ich-Laut* e **w** surdo (como o *w(h)* do inglês americano), respectivamente. As combinações **hl** e **hr** representavam originalmente **l** e **r** surdos mas, na Terceira Era, estes sons vieram a ser pronunciados como **l** e **r** normais. Em palavras polissilábicas, a *ênfase* recai na penúltima sílaba quando esta é *longa* (contendo uma vogal longa, um ditongo ou uma vogal seguida por um encontro consonantal ou uma consoante dupla). Se a penúltima sílaba for curta, a ênfase recai sobre a antepenúltima sílaba, tornando-se uma proparoxítota (a não ser que a palavra tenha apenas duas sílabas; nesse caso a primeira sílaba recebe a ênfase, seja ela curta ou longa).

EXERCÍCIOS

Até o ponto em que diz respeito às sutilezas mais importantes da pronúncia, infelizmente não posso fazer nenhum exercício; não estamos em uma sala de aula para que eu possa comentar sua pronúncia. Mas com respeito à *tonicidade* (ênfase) e a pronúncia do **h**, é possível fazer exercícios.

1. Determine que vogal (vogal simples ou ditongo) recebe a ênfase nas palavras abaixo. (Não é necessário indicar onde a sílaba a qual ela pertence começa e termina.)

- A. **Alcar** (“glória”)
- B. **Alcarë** (variante mais longa da palavra acima)
- C. **Alcarinqua** (“glorioso”)
- D. **Calima** (“brilhante”)
- E. **Oronti** (“montanhas”)
- F. **Únotimë** (“incontável, inumerável”)
- G. **Envinyatar** (“renovador”)
- H. **Ulundë** (“inundação”)
- I. **Eäruilë** (“alga marinha”)
- J. **Ercassë** (“azevinho”)

Exercício extra sobre ênfase: apesar de ouvirmos muitas falas em sindarin no filme, uma das poucas amostras de quenya realmente proeminentes no *A Sociedade do Anel* de Peter Jackson é a cena onde “Saruman” (Christopher Lee), de pé no topo de Isengard, lê uma invocação para causar uma avalanche para barrar a Sociedade. Ele diz à montanha que eles estão tentando atravessar: **Nai yarvaxëa rasselya taltuva notto-carinnar!** = “que seu chifre manchado de sangue desmorone sobre cabeças inimigas!” (não traduzida no filme). O ator enfatiza as palavras assim: **nai yarVAXëa RASSelya TALTuva notto-CARinnar**. As palavras estão enfatizadas como deveriam, de acordo com as instruções de Tolkien? Se não, o que está certo e o que está errado?

2. Onde a letra **h** aparece nas palavras em quenya do modo como elas são escritas nas nossas letras, ela pode ser pronunciada de vários modos. Ignorando os dígrafos **hw** e **hy**, a letra **h** pode ser pronunciada como:

- A) um **h** “aspirado”, como o **h** inglês em *high*,
 - B) mais ou menos como nas palavras inglesas *huge*, *human* ou idealmente como o *ch* no alemão *ich*,
 - C) como o *ch* no alemão *ach* ou escocês *loch* (em escrita fonética, [x]).
- Além disso, temos a alternativa D): a letra **h** não é, de forma alguma, realmente pronunciada, mas indica meramente que a consoante seguinte era surda no quenya arcaico. Classifique as palavras abaixo nestas quatro categorias (A, B, C, D):

- K. **Ohtar** (“guerreiro”)
- L. **Hrávë** (“carne”)
- M. **Nahta** (“uma mordida”)
- N. **Heru** (“senhor”)
- O. **Nehtë** (“ponta de lança”)
- P. **Mahalma** (“trono”)
- Q. **Hellë** (“céu”)
- R. **Tihtala** (“piscadela, lampejo”)
- S. **Hlócë** (“cobra, serpente”)
- T. **Hísië** (“névoa”)